


Acadêmicos de fisioterapia na escola: Os desafios e as potencialidades de uma ação colaborativa com crianças da educação fundamental

 <https://doi.org/10.56238/sevned2024.009-001>

Rosana Niederauer Marques

Formação acadêmica mais alta: Doutora em Ciências
Instituição de atuação atual: Universidade Federal de Santa Maria
E-mail: rnm.marques@gmail.com

Andressa Betat

Formação acadêmica mais alta: Especialização
Instituição de atuação atual: Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: Andressa_betat@hotmail.com

Everton Ludke

Formação acadêmica mais alta: PhD pela University of Manchester
Instituição de atuação atual: Universidade Federal de Santa Maria
E-mail: evertonludke@gmail.com

Cássio da Silva Quirino

Formação acadêmica mais alta: Graduando Instituição de atuação atual: Universidade Federal de Santa Maria
E-mail: Cassiodasilvaquirino@gmail.com

RESUMO

Este artigo teve por objetivo discutir as percepções de acadêmicos acerca de atividades formativas no curso de Fisioterapia, como também analisar a capacitação dos mesmos a proporem atividades escolares que melhorem o rendimento das crianças. Os participantes são 15 estudantes do curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que, durante o segundo semestre de 2016, frequentaram a disciplina denominada Fisioterapia em Saúde da Criança, a qual prevê como objetivo, a proposição de atividades psicomotoras que melhorem o rendimento dos escolares. O trabalho prático foi desenvolvido em duas escolas Municipais de Ensino Fundamental, com 19 crianças que frequentavam essas escolas, situadas no município de São João do Polêsine, região central do Rio Grande do Sul. A metodologia do trabalho tem caráter qualitativo, onde a análise fundamenta-se nos princípios da entrevista narrativa de Richardson (2011); Clandinin e Connely (2011); Jovchelovitch e Bauer (2004); Josso (2004). Concluiu-se que, na percepção dos acadêmicos, o trabalho desenvolvido é relevante na formação profissional do fisioterapeuta, principalmente, porque observaram ter gerado impactos positivos na comunidade escolar bem como na comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Distúrbios de aprendizagem, Atenção, Estimulação.



1 INTRODUÇÃO

O início da trajetória escolar é fundamental para o desenvolvimento e construção da identidade e dos processos de aprendizagem da criança, tendo em vista que é nessa fase que valores e crenças são construídos de maneira significativa. Nessa perspectiva, é responsabilidade da escola e dos professores desenvolverem atividades que viabilizem essa construção, pautada no desenvolvimento da psicomotricidade do aluno para potencializar o sentir, o pensar e o agir.

Por outro lado, observa-se que nem todos os professores estão devidamente preparados para essa tarefa. Nesse viés, é que se inserem as contribuições de profissionais especializados, como o fisioterapeuta, que estuda e detém o conhecimento acerca do desenvolvimento neural e motor, podendo atuar no campo da saúde da criança. Quando aliados os conhecimentos da neurociência à educação, é de se esperar que ações específicas da psicomotricidade, possam prevenir distúrbios de aprendizagem em crianças em idade escolar. Ressalta-se que na formação acadêmica do fisioterapeuta esses aspectos são incipientes tendo em vista a restrita literatura no assunto.

Estudos desenvolvidos por Piaget (1976; 2003); Vygotsky (2003; 2005); Bee (1997); Mahoney e Almeida (2004); Berger (2003), Papalia e Olds (2000) entre outros, mostram a importância da estimulação da criança para o desenvolvimento da motricidade com repercussão na aprendizagem escolar. Estudos que mostram a importância de envolver os estudantes universitários em trabalhos de pesquisa e de extensão, também não são novos e há uma vasta gama de autores que escrevem a respeito desse tema: Almeida e Soares (2003); Santos e Almeida (2001); Teixeira (2008); Benites e Boer (2015).

Santos (2000) aponta que num mundo extremamente competitivo, a universidade precisa se preocupar com os estudantes, promovendo o seu desenvolvimento integral para atingir o nível de excelência que a sociedade exige. Almeida, Soares e Ferreira (2002) acrescentam que o estabelecimento de um ambiente acadêmico e social apropriado à integração e ao desenvolvimento do aluno não será suficiente se não for percebido por ele como um contexto propício e como oportunidade de experienciá-lo de forma ativa. Sua integração será maior, à medida que perceber congruência entre suas expectativas e o que a universidade proporciona para o alcance dos objetivos pretendidos. Todavia, só o conhecimento sobre os fatores que envolvem essa interação é que poderão dar subsídios para a implementação de ações preventivas e de desenvolvimento. Esses argumentos reforçam o entendimento dos autores deste estudo, a respeito da necessidade de integrar acadêmicos de Fisioterapia em atividades extracurriculares.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de Fisioterapia, indicam que as atividades práticas específicas deverão ser desenvolvidas gradualmente desde o início do curso, devendo possuir complexidade crescente. Esse documento também determina que os conteúdos do curso devem contemplar o estudo do homem e de suas relações sociais, do processo saúde-doença nas suas múltiplas determinações, contemplando a integração dos aspectos psicossociais, culturais,



filosóficos, antropológicos e epidemiológicos norteados pelos princípios éticos. (BRASIL, 2002).

Neste estudo, analisou-se as percepções de acadêmicos a respeito de atividades formativas no curso de Fisioterapia que capacitem o futuro profissional na Saúde da Criança, em sua disciplina curricular, Fisioterapia em Saúde da Criança, cujo objetivo constante no Projeto Pedagógico de Curso, é relacionar a psicomotricidade à aquisição cognitiva e a aprendizagem formal de crianças de 0 a 6 anos, propondo atividades que otimizem tal objetivo. (UFSM, 2016)

2 METODOLOGIA

A pesquisa é de abordagem qualitativa e de natureza narrativa. A abordagem qualitativa está ancorada em Minayo (2013) que, segundo essa autora, este tipo de pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os participantes foram 15 estudantes, sendo 5 homens e 10 mulheres, com idade média de 20 anos, acadêmicos do 5º semestre do curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que, no segundo semestre de 2016, frequentaram a disciplina Fisioterapia em Saúde da Criança. A intervenção foi realizada em 19 crianças de 4º e 5º ano, de duas escolas de Ensino Fundamental, situadas no município de São João do Polêsine, região central do Rio Grande do Sul.

Compõe o *corpus* de análise, 5 narrativas escritas pelos acadêmicos a respeito da intervenção realizada nas escolas citadas. Essas narrativas foram selecionadas por critério de significância, isto é, textos que melhor contemplavam o conteúdo manifesto também por outros participantes. Na denominação das narrativas, foi atribuído um pseudônimo aos acadêmicos, e nas demais referências os participantes são identificados por A (acadêmico) seguido por um número.

Richardson (2011) considera a narrativa como entrevista não estruturada em que a pessoa expõe pontos importantes do tema em foco. A função do pesquisador, durante esse processo, é de orientação e estimulação. Jovchelovitch e Bauer (2004) explicam que, nas narrativas as pessoas lembram o que aconteceu, narram suas experiências em uma sequência de fatos, encontram possíveis explicações para isso e constroem uma cadeia de acontecimentos de ordem pessoal e social.

Nóvoa e Finger, (1988) explicam que um profissional se constrói ao longo de sua trajetória de maneira que aprender, muitas vezes, está relacionado a ensinar. A cada novo aluno, cliente ou pessoa atendida, surgem novas possibilidades de conhecer o outro e a si mesmo.

Josso (2004) entende que as narrativas favorecem um conjunto de aprendizagens que vão muito além de um processo de conhecimento de si, de maneira que, a escrita de uma narrativa corresponde a um processo de conhecimento da formação do sujeito ao longo da vida. Evidenciar o que está em jogo nessa escrita, são os dois grandes eixos que vão organizar a reconstituição de um conjunto de reflexões

construídas a partir das observações efetuadas em prol de um corpo de experiências vivenciadas.

As narrativas, mesmo que geradas no seio da subjetividade, são modelos sociais do gênero, valorizadas pelo narrador, pontua Josso (2004). Assim, o desafio de escrita da narrativa faz emergir interrogações sobre a escrita das experiências e sobre o posicionamento do escritor. De acordo com a autora, existem três eixos que permitem explicitar a natureza dessas interrogações: (I) a escrita como arte da evocação; (II) a escrita como construção de sentido; (III) a escrita como pesquisa. Ressalta-se que, neste estudo, a ênfase foi para a escrita como pesquisa. Há, portanto, uma reflexão a fazer sobre as escolhas dos episódios apresentados pelo narrador em função da importância que lhes é atribuída no processo de formação.

A pesquisa narrativa como forma de entender a experiência pessoal e social é explicada por Clandinin e Connelly (2011). Para esses autores, a construção da pesquisa narrativa deve contemplar a temporalidade, pessoas, ação, certeza e contexto, aspectos que foram observados na descrição e análise das narrativas. Uma breve explicação dos autores a respeito da *certeza* é que, no pensamento narrativo, as interpretações dos eventos podem ter sentido provisório, geralmente expresso com um tipo de incerteza, sobre o significado de um determinado fato.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As narrativas apresentadas neste texto, descrevem as percepções de acadêmicos de Fisioterapia em relação à aplicação do protocolo de Vitor da Fonseca (Bateria Psicomotora – BPM), (FONSECA, 2012), em um grupo de 19 crianças e os sentidos por eles atribuídos à experiência de lidar com a educação formal. No decurso das narrativas, é possível identificar pontos comuns no que se refere aos acontecimentos, aos desafios, aos obstáculos e às suas possibilidades de superação tendo em vista o contexto socioambiental, histórico e cultural em que o trabalho foi desenvolvido.

3.1 NARRATIVA 1- DESCOBERTAS E AJUSTAMENTOS DE WESLEY (A1)

Esta narrativa é apresentada em três fragmentos de texto. No primeiro fragmento, A1 manifesta satisfação com sua primeira experiência em trabalhar com crianças e reconhece a importância da estimulação para a aprendizagem do aluno.

Durante o tempo de vivência na escola [...] posso dizer que presenciei uma nova realidade de trabalho, pois até o momento, não havia tido contato com crianças, enquanto aluno da Fisioterapia na UFSM, sendo assim, considero muito gratificante a nova experiência. Pude notar que o trabalho com crianças envolve muitos aspectos ligados à motivação, ludicidade e conversa. Também evidenciei que a paciência e a estimulação são fatores importantíssimos no que diz respeito ao aprendizado de alunos da faixa etária na qual trabalhamos (A1).

Além da apreciação satisfatória com o trabalho desenvolvido, A1 manifesta sua integração no contexto universitário da UFSM. A análise que se faz aqui é que o modo como é vivenciada esta

experiência depende tanto do apoio da universidade como das características individuais de cada estudante. Por consequência, os acadêmicos podem vivenciar diferentes experiências concomitantes entre as exigências do curso que frequentam, o que a universidade efetivamente pode oferecer e as características pessoais (TEIXEIRA et al., 2008). No caso específico de A1, parece haver concordância entre os sentimentos e os pensamentos em relação à universidade e ao curso. Entende-se que a identidade profissional se constrói ao longo da trajetória de vida de cada pessoa, mas inicia, em grande parte, na formação universitária, no contexto do curso de graduação, na medida em que o estudante se confronta com teorias e práticas. A prática permite reconhecer a importância de ter estudado determinados autores para alcançar a eficácia no trabalho, a realização pessoal e a satisfação do público atendido.

No fragmento a seguir, A1 refere-se ao trabalho propriamente desenvolvido na escola, ressaltando aspectos da motricidade em relação às atividades cognitivas das crianças.

Quanto aos fatores psicomotores avaliados, percebo que no grupo trabalhado, as atividades que envolviam motricidade ampla, como no caso dos circuitos montados, chamavam muito mais a atenção em relação às atividades cognitivas, o que por muitas vezes acabava gerando uma certa dispersão durante as tarefas que envolviam um pouco mais de concentração. No que diz respeito ao trabalho desenvolvido, tentamos ao máximo aplicar circuitos e atividades mistas para que além da criança se sentir estimulada por atividades do seu agrado, ela trabalhasse isso aliado ao lado mental, de maneira que seu aprendizado fosse o mais divertido possível (A1).

Diversos autores entendem que uma atividade proposta sob a forma de jogos, motiva mais as crianças por se tratar de uma maneira prazerosa de realizar atividades que envolvam a cognição e a concentração (FERNANDES, 2014).

No decorrer do terceiro fragmento da narrativa, A1 destaca a relevância das atividades lúdicas na aprendizagem do aluno, neste caso, a aprendizagem matemática.

Acredito que se houver um trabalho em que a estimulação seja a palavra-chave, a tendência é que o aluno apenas cresça no que diz respeito às suas atividades cognitivas, pois ele demonstra que leva a sério todo e qualquer tipo de brincadeira que o desafia a buscar novas soluções e novos meios de resolubilidade de problemas. Sendo assim, aparenta ser muito válido apresentar-lhe o conhecimento de forma mais leve e interessante. Falando no aspecto avaliativo, creio que a coleta dos resultados no que diz respeito às atividades matemáticas ainda fica muito subjetiva devido ao curto tempo de contato entre nós e as crianças. Porém, afirmo que com o andamento das atividades, as crianças foram ficando cada vez mais desenvoltas e, principalmente competitivas entre elas, o que demonstra que no decorrer do trabalho, os alunos foram levando o que lhes foi proposto cada vez com mais seriedade (A1).

Nesse fragmento, observa-se que A1 identifica a estimulação psicomotora como fator primordial para a aprendizagem da criança, bem como o caráter subjetivo dela. Identifica, igualmente, o processo de desenvolvimento e crescimento dos alunos no decorrer das atividades. Essas observações estão de acordo com o que dizem Papalia e Olds (2000) acerca das habilidades motoras. Os autores entendem que a base para as habilidades motoras globais e finas é estabelecida nos primeiros anos de

escolaridade sendo neste período que as crianças aumentam consideravelmente seu repertório motor e adquirem os modelos de coordenação do movimento essenciais para posteriores habilidades.

3.2 NARRATIVA 2- IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NO ENTENDIMENTO DE JULIA (A2)

A chamada “pedagogia tradicional” fundamenta-se em uma visão dualista de ser humano, que o divide em duas partes distintas: corpo e mente. Com o estudo da psicomotricidade e a experiência adquirida durante o semestre, foi possível notar que esse conceito é equivocado. Considerar o indivíduo como um todo é de grande importância para o processo de aprendizado. Foi observado que o ensino da matemática associado ao uso de jogos e brincadeiras é eficaz, fazendo com que ela fique mais atrativa e próxima da realidade da criança. Foi notório que a cada aula, as crianças ficavam mais participativas, e este trabalho pode ter sido o início de uma mudança de perspectiva delas em relação à matemática (A2).

A afirmativa de A2 “A chamada ‘pedagogia tradicional’ fundamenta-se em uma visão dualista de ser humano, que o divide em duas partes distintas: ‘corpo e mente’”, encontra respaldo teórico nos argumentos de Kolinyak Filho (2010), quando declara que a escola tradicional tem separado o trabalho em sala de aula, que envolve a mente e as atividades motoras na educação física, realizada fora de sala de aula, em espaços mais amplos, destinados ao exercício físico para controlar e disciplinar o corpo. Nessa concepção, argumenta o autor, o corpo é mero suporte da mente, que representa a essência do ser humano. No entanto, os estudos da psicomotricidade mostram que o manuseio desses conceitos, corpo e mente, usados como partes distintas, é equivocado. Considerar o indivíduo como um todo, como unidade, é condição *sine qua non* para o processo de aprendizado eficaz.

A dimensão do jogo, expressa na proposição de A2: “Foi observado que o ensino da matemática associado ao uso de jogos e brincadeiras é eficaz, fazendo com que ela fique mais atrativa e próxima da realidade da criança”, entre outros autores, pode ser explicada por Vygotsky (2003); Boer e Oliveira (2014). Vygotsky (2003), entende que para a criança, o jogo possui um sentido importante quando corresponde a sua idade, aos seus interesses e, principalmente, quando inclui elementos que levam à elaboração de hábitos e habilidades. O autor explica que nos jogos com regras, as crianças organizam formas superiores de comportamento que, geralmente, estão ligados à resolução de problemas, conjeturas, sagacidade e criatividade. Rosa (2008), expõe que, o equilíbrio entre a função lúdica e a função educativa passa a ser o objetivo do jogo. A função educativa do jogo oportuniza ao aluno aprender brincando e, para o professor, o jogo é um recurso didático do qual ele lança mão em diferentes momentos. No contexto de sala de aula, aprender com o jogo pode envolver a produção do saber e isso torna o ambiente rico de significados, principalmente para o aluno. Boer e Rodrigues (2014) entendem que os jogos pedagógicos, além de serem recursos de aprendizagem, também são instrumentos de ensino e avaliação de conteúdos escolares. As autoras consideram que a educação lúdica tem importância para o desenvolvimento intelectual, moral e senso de solidariedade da criança,

bem como para o desenvolvimento de habilidades motoras e aquisição de novos conhecimentos.

Por último, o semestre teve grande relevância como experiência pessoal. Nas avaliações foi possível colocar em prática os testes de Vítor da Fonseca, antes vistos em sala de aula, e assim entendê-los mais a fundo. Em cada aula, éramos desafiados a criar e realizar atividades, o que estimulou nossa criatividade e relacionamento pessoal, além da criação de vínculo com as crianças. Esta foi uma experiência que poderá ser levada para a vida acadêmica e profissional, dando embasamento para futuros atendimentos e proporcionando um olhar mais amplo sobre o indivíduo, entendendo como os fatores psicomotores influenciam no desenvolvimento (A2).

Esse fragmento da narrativa de A2, pode ser fundamentado no pensamento Piagetiano do desenvolvimento cognitivo, tendo em vista que as crianças atendidas, se encontravam na faixa etária de 9 a 12 anos, portanto, no estágio operatório concreto (PIAGET, 2003; LA TAILLE, 1992; RIES, 2001). O estágio operatório concreto compreende a faixa etária dos 7 aos 11 anos, neste período a criança pode resolver problemas logicamente no presente, mas ainda não é capaz de pensar em termos abstratos. Esse período é baseado na experiência real e a criança tem ação interiorizada reversível, o que não se observa no estágio pré-operatório (PIAGET, 2003; LA TAILLE, 1992; RIES, 2001). De acordo com esses mesmos autores, no estágio operatório, o egocentrismo diminui e ocorre o aparecimento da noção de conservação das propriedades do objeto: quantidade, comprimento, número, peso, densidade, área e volume. A criança associa estes conceitos interligados às noções de tempo, velocidade e espaço, mas sempre sendo observados e tendo materiais palpáveis. A criança já consegue fazer relações entre dois ou mais objetos, mas seguindo uma sequência de fatos para chegar ao total. Nesse estágio espera-se que a criança possa combinar, ordenar e transformar objetos e ações, mentalmente.

3.3 NARRATIVA 3- DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA ROBERTA (A3)

Após todas as avaliações que foram feitas, ficou claro que os alunos se interessam mais pela matemática quando são estimulados de um modo diferente do habitual, as dificuldades se tornam mais fáceis de serem resolvidas quando esse “mundo” da sala de aula se torna mais amplo. É claro que é bem mais divertido resolver uma conta de adição enquanto chuta uma bola a gol, do que resolver em sala de aula, sentado na classe e muitas vezes se dispersando. Pude notar nos alunos que avaliei ao longo desse semestre, que a capacidade de interpretação, o modo de interagir com os colegas foram sendo modificados, eles começaram a prestar mais atenção naquilo que estava sendo solicitado e começaram a demonstrar mais interesse em aprender. Foi muito importante poder ver o quanto podemos aliar as duas áreas, saúde e educação, que pareciam ser tão distintas, mas que se unem perfeitamente, assim podendo ajudar às crianças no seu desempenho. Ouvir o relato das crianças dizendo que gostaram muito das atividades e que estas serviram não somente para uma diversão, mas para o aprendizado de cada um, isto fez valer a pena cada segundo que passamos juntos (A3).

Uma possível interpretação para o que foi observado por A3, em relação à evolução das crianças pode ser explicada pela teoria do desenvolvimento psicossocial de Erickson (1998). Considerando-se a idade das crianças que participaram do estudo, elas encontram-se no quarto estágio de desenvolvimento psicossocial, fase que está vinculada à construtividade *versus* inferioridade. Segundo

o autor, nesse estágio, há uma resolução positiva dos estágios anteriores e corresponde ao período em que a criança está sendo alfabetizada e frequentando a escola, o que propicia o convívio com pessoas que não são seus familiares, o que exigirá maior sociabilidade, trabalho em conjunto, cooperatividade e outras habilidades necessárias.

No depoimento de A3 “ouvir o relato das crianças dizendo que gostaram muito das atividades e que estas serviram não apenas para diversão, mas para o aprendizado de cada um, isto fez valer a pena cada segundo que passamos juntos” reforça a ideia de Erikson (1998) de que uma criança para se sentir capaz precisa de confiança, autonomia e iniciativa. Para isso, a criança exige um ambiente que possibilite a socialização, trabalho em conjunto e cooperatividade. Ainda, segundo Erickson (1998), caso a criança tenha dificuldades, o próprio grupo poderá criticá-la, passando a viver a inferioridade em vez da construtividade. Nesse caso, poderá experimentar sentimentos que levem a bloqueios cognitivos. No entanto, pelos depoimentos dos acadêmicos de Fisioterapia e não apenas de A3, esses aspectos não foram identificados, pelo contrário, a intervenção realizada se deu em um clima amigável e de confiança, contribuindo, assim, para o desenvolvimento social e cognitivo das crianças.

3.4 NARRATIVA 4- APRENDIZAGENS E SONHOS DE EVELISE (A4)

Durante a disciplina aprendi muito com os alunos, aprendi a ter paciência, saber escutar os pequenos, interpretar suas dificuldades e gestos, identificar e analisar nas entrelinhas para poder contornar e tentar melhorar certas situações que não estava acostumada. Gostei da disciplina pois me tirou da minha zona de conforto, os alunos eram bem agitados e muito espertos, o que nos obrigava a ser criativos e dinâmicos com eles. Aprendi que o estímulo matemático é imprescindível para o aprendizado, não só da matemática, mas sim para desenvolvimento de concentração, noção espaço-temporal, motricidade entre outros aspectos. Gostaria muito que estas crianças continuassem recebendo apoio e auxílio, pois a diferença entre o primeiro atendimento e o último foi notável. Os alunos estavam mais concentrados, mais dispostos e receptivos a realizarem as atividades, estavam tomando gosto pelo aprendizado, o que é de extrema importância na construção do ser humano. Agradeço a oportunidade de poder participar desse círculo educacional em uma cidade do interior, pois assim podemos identificar as diferenças sociais, culturais e educacionais (A4).

A afirmação de A4, “aprendi que o estímulo é imprescindível para o aprendizado, não só da matemática, mas sim para desenvolvimento de concentração, noção espaço-temporal, motricidade entre outros aspectos também pode ser explicada pela teoria cognitivista de Piaget.

Piaget (2003) entende que os fenômenos humanos são biológicos em suas raízes, sociais em seus fins e mentais em seus meios. Para este autor, as mudanças ocorridas no ser humano devem-se ao funcionamento cognitivo, relaciona-se com a evolução das estruturas mentais e como as crianças se adaptam ao seu ambiente. Piaget (1976; 2003) explica que a cognição se desenvolve em etapas, que ocorrem a seu tempo, mas dependem da estimulação correta que é dada à criança. Assim, pela teoria Piagetiana, pode-se entender que o processo de aprendizagem acontece de dentro para fora e quanto mais a criança se desenvolve, mais ela aprende (PULASKI, 1986; RIES, 2001; LA TAILLE, 1992).

A4 também reforça o sentimento de satisfação com o trabalho desenvolvido “em uma cidade do interior”. Isso está de acordo com a apreciação da maior parte dos acadêmicos e remete a uma das funções da universidade que é prestar serviços à comunidade, articulando atividades de ensino, pesquisa e extensão como parte do fazer humano realizado pela universidade, no seu papel institucional e social. A integração universidade-escola configura-se, portanto, como uma alternativa metodológica para mediar projetos de intervenção com prática pedagógica interdisciplinar no campo da educação e saúde.

3.5 NARRATIVA 5 – A INTERVENÇÃO DE MÁRCIO (A5)

Esta narrativa é analisada em três fragmentos inter-relacionados e complementares. No primeiro fragmento, A5 refere-se à aplicação dos exercícios de matemática às crianças.

Buscamos desde o início, desenvolver os exercícios relacionados com o raciocínio matemático e lógico, concentração, atenção, tomada de decisão, criatividade entre outros. Por meio desses exercícios, objetivamos a identificação desses fatores e o desenvolvimento deles. Muitas vezes, tentar orientar os alunos não foi uma tarefa fácil, principalmente, em atividades que não envolvessem motricidade ampla, no entanto, todas as atividades propostas foram realizadas com sucesso. Pode-se dizer, com certeza, que alguns alunos apresentaram maior dificuldade para algumas atividades realizadas, como por exemplo, atividades que envolvessem raciocínio lógico e matemático. Penso que mesmo que por um curto período, os estímulos que oferecemos a essas crianças, foram benéficos (A5).

Na narrativa “Muitas vezes, tentar orientar os alunos não foi uma tarefa fácil, principalmente, em atividades que não envolvessem motricidade ampla, no entanto, todas as atividades propostas foram realizadas com sucesso”, mostra os desafios do trabalho desenvolvido com as crianças. Para os acadêmicos de fisioterapia, entrar em uma sala de aula e coordenar atividades de ensino, é algo inovador e ao mesmo tempo educativo porque se constitui num momento formativo, de conhecer limites e características da infância. Esses aspectos podem ser identificados também no excerto a seguir,

Poder vivenciar a importância de diferentes formas de estimular a aprendizagem de um indivíduo, no início da sua formação, foi algo que até então não nos tinha sido proporcionado. Conhecer alguns testes, jogos, brincadeiras e exercícios que visam o desenvolvimento psicomotor foi extremamente significativo. Identificar dificuldades que a literatura propõe ocorrer em determinada faixa etária se concretizarem na prática, foi igualmente importante e surpreendente (A5).

As atividades desenvolvidas na escola estão relacionadas com os conteúdos trabalhados na disciplina Fisioterapia em Saúde da Criança. Esta modalidade de trabalho foi oferecida pela primeira vez e gerou impactos favoráveis aos acadêmicos, conforme já citado neste texto. Nessa proposição, “Identificar dificuldades que a literatura propõe ocorrerem em determinada faixa etária, se concretizarem na prática foi igualmente importante e surpreendente”, A5 observa, na prática, informações teóricas enfatizadas pela literatura específica do curso.



No fragmento a seguir, A5 reafirma apreciação positiva do trabalho desenvolvido e destaca a importância para a formação acadêmica do fisioterapeuta.

Durante um curto período, pudemos interagir com os alunos da Escola La Salle e desenvolvemos e mediamos atividades que se mostraram importantes na aprendizagem deles. Acredito que toda essa experiência foi muito válida e estar receptivo a novas propostas e informações é fundamental para a maior qualidade da nossa formação enquanto acadêmicos (A5).

Demo (2011), defende que quem ensina também deve fazer pesquisa e quem pesquisa também deve ensinar. Nessa concepção, o trabalho aqui relatado está coerente com as práticas de ensino e de pesquisa mostrando que não há ruptura entre elas, mesmo que a pesquisa, nem sempre tenha uma aplicação imediata e direta na sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as percepções de acadêmicos a respeito de atividades formativas no curso de Fisioterapia que capacitem o futuro profissional na Saúde da Criança a proporem atividades escolares que melhorem o rendimento dos alunos, se constituiu no objetivo deste trabalho.

Uma conclusão geral a respeito da participação dos acadêmicos de Fisioterapia nas atividades de ensino, confirma a necessidade de relacionar a teoria à prática e a necessidade de associar a pesquisa ao ensino. Para os acadêmicos, a vivência realizada possibilita que o indivíduo tenha maior segurança quanto à escolha do curso e oportunidade para realizar suas aptidões, interesses e expectativas com relação à profissão. Em termos práticos, a maneira como essa vivência foi experienciada pelos acadêmicos, repercutiu positivamente na comunidade escolar, reforçando a integração universidade-escola.

Os dados levantados neste estudo também corroboram uma pesquisa realizada por Igue; Bariani e Milanesi (2008) em que, parte significativa dos estudantes entrevistados, afirma ter começado a se interessar pelo curso, na medida em que, um conhecimento mais amplo do campo de atuação e do tipo de trabalho que poderiam desenvolver, ficou claro. Ou seja, na medida em que conheciam e vivenciavam determinadas práticas do curso, sentiam-se capazes de continuarem a explorá-lo. Os autores acrescentam que conhecer a realidade experienciada pelos estudantes é um modo que possibilita a identificação dos padrões de vivências, condizentes ou não, ao seu sucesso.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURY, E.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). Estudante universitário: características e experiências de formação. São Paulo: Cabral Editora; Livraria Universitária, 2003, p. 15 - 40.

BEE, H. O ciclo vital. Tradução Regina Garcez. Porto alegre: Artes Médicas, 1997.

BENITES, S. N.; BOER, N. Mapeamento de âncoras de carreira de professores da educação básica: possíveis repercussões na formação e atuação docente Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.4, n.2, p. 1-18, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1941>.

BERGER, K. S. O desenvolvimento da pessoa: da infância à adolescência. Tradução Fernanda Andrade Dias. 5.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

BOER, N.; RODRIGUES, L. F. O. Jogos pedagógicos da revista Ciência Hoje das Crianças: contribuições para o ensino de ciências. In: Revista da SBEnBIO, n.7, p. 6068-6029, out. 2014. Disponível em: <http://www.sbenbio.org.br/blog/revista-sbenbio-edicao-7/>.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 4/2002 MEC. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 11. Disponível em: portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES042002.pdf. Acesso em: 02 fev. 2017.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

DEMO, P. Educar pela Pesquisa. São Paulo: Autores Associados, 2011.

ERIKSON, E. O ciclo de vida completo. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. Manual de Observação Psicomotores:

FONSECA, V. Manual de Observação Psicomotora: Significação Psiconeurológica dos Fatores Psicomotores. 2.ed. Rio de Janeiro: WAK editora, 2012.

IGUE, E.A.; BARIANI, I.C.D.; MILANESI, P.V.B. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. Psico-USF. (Impr.) [online]. 2008. Vol. 13, n.2, pg. 155- 164. ISSN 2175-3563. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712008000200003>.

JOSSO, M. C. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 90 -113.

LA TAILLE, Y. de. O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discurso. São Paulo: Summus, 1992.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2004.



- MERCURY, E.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). Estudante universitário: características e experiências de formação. São Paulo: Cabral Editora, Livraria Universitária, 2003.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- NÓVOA, A.; FINGER, M. O método (auto) biográfico e a formação. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- PAPALIA, D.; OLDS, S. W. Desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- PIAGET, J. Da lógica da criança à lógica do adolescente. São Paulo: Pioneira, 1976. PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. 6.ed. Rio de Janeiro: Florence, 2003.
- PULASKI, M. A. S. Compreendendo Piaget: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1986.
- RIES, B. G. A construção do conhecimento segundo Piaget. In: FERREIRA, B. W. Psicologia e educação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 59 – 96.
- RICHARDSON, R. J. (Org.). Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- SANTOS, L.; ALMEIDA, L. S. Vivências acadêmicas e rendimento escolar: estudo com os alunos universitários do 1º ano. Análise psicológica, Porto Alegre, v. 2; n. 19, p. 205 -217, 2001.
- SANTOS, S. M. As responsabilidades da Universidade no acesso ao ensino superior. In: SOARES, A. P. et al. (Orgs.). Transição para o ensino superior. Braga: universidade do Minho, 2000. p. 67 – 78.
- TEIXEIRA, M. A. P. et. al. Adaptação à universidade em jovens calouros. Revista da Associação Brasileira de psicologia Escolar e Educacional. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 185 -202, jan./jun., 2008.
- RAMOS, J. R. S. Dinâmicas, brincadeiras e jogos educativos. 2. ed. Rio de Janeiro: DpP, 2005.
- VYGOTSKY, L. S. Psicologia pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VYGOTSKY, L.S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LEONTIEV, A. et al. Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo: Centauro, 2005. p. 1-17.